

ESPECIAL

NOSSO ATOR *de sorriso torto*

RODOLFO VAZ
COMPLETA 30 ANOS DE
CARREIRA COMO UM
DOS MELHORES DE
SUA GERAÇÃO

POR MARCELLO CASTILHO AVELLAR

Como Judas em *A rua da amargura*, Rodolfo Vaz comove e diverte na mesma medida

30 HIT ESPECIAL

Foto: Guto Muniz/Divulgação

O ator Rodolfo Vaz ri torto. Metade da boca fica de um jeito, a outra metade de outro. Aliás, ele faz isso com o rosto inteiro: metade do rosto expressa uma coisa, a outra metade expressa outra, às vezes o exato oposto. Foi esse truque de Rodolfo que nos deu algumas das melhores personagens que o Grupo Galpão já apresentou, como o Judas de *Rua da amargura* ou o Argan de *Um Molière imaginário*. Mas será que podemos reduzir todo o impacto que essas criações produzem sobre nós a um simples acidente genético? Claro que não. Qualquer pessoa tem uma singularidade no corpo, seja o jeito completamente comum de um Philip Seymour Hoffman à beleza estelar de Nicole Kidman. O que produz uma diferença no que se refere à interpretação é exatamente o que cada intérprete faz com suas singularidades.

Rodolfo usa sua singularidade para produzir em nós uma variedade incomum do sentimento a que chamamos patético – segundo o Houaiss, “o que tem capacidade de provocar comoção emocional, produzindo um sentimento de piedade, compassiva ou sobranceira, tristeza, terror ou tragédia”. A duplicidade permanente do rosto e do corpo do ator soma tudo isso ao cômico. Usemos o Judas como exemplo. Temos diante de nós um palhaço, não apenas nos trajes, mas nos trejeitos. É um palhaço que nos diverte desde o início do espetáculo. Quando Judas se enforca, o palhaço continua lá, e continua a nos divertir. Mas é um palhaço arrependido do que fez, um palhaço que sofre uma dor tão insuportável que não consegue mais continuar vivendo. Sabemos que sua corda é falsa, apenas um brinquedo. Mas o jogo que o intérprete constrói entre graça e tragédia nos mostra que aquele palhaço pode morrer com aquela corda falsa. E que sofreremos com sua morte, mesmo sabendo que ele fez por merecer algo terrível. E sofreremos mais ainda porque vamos achar sua morte muito engraçada, e isso nos faz sentir culpados. Rodolfo não apenas mostra o sentimento de culpa de seu Judas, mas faz com que a gente tenha uma desconfortável amostra do que a personagem está sentindo.

Rua da amargura, com sua narrativa circense do nascimento e da paixão do Cristo, tem



Em *Além do silêncio*, o ator apresenta para nós o absurdo da própria existência



Argan, de *Um Molière imaginário*, está entre as melhores atuações de Rodolfo Vaz

tom dramático. *Um Molière imaginário* é o exato oposto – comédia pura. O que não impede que o processo que Rodolfo Vaz constrói seja semelhante – só que em outra direção. Argan, o hipocondríaco da última peça que o francês Molière escreveu e interpretou, é engraçado. Muito engraçado mesmo, uma daquelas criações cuja matéria-prima é a própria essência do ridículo. Rodolfo foge do óbvio, que seria concentrar-se apenas neste ridículo, principalmente porque isso seria redundante: afinal, a situação já é ridícula em si mesma, as falas de Argan são ridículas em si mesmas. O toque de mestre que o ator nos oferece é exatamente temperar o cômico com aquele mesmo patético que dá grandeza ao Judas. Rimos de Argan ao mesmo tempo em que percebemos sua solidão, sua completa inadequação em re-

lação ao mundo. E não conseguimos fugir da sensação de que aquela solidão e aquela inadequação são iguaizinhas às nossas, e somos confrontados ao quanto somos tanto ridículos quanto patéticos – exatamente como Argan.

Isso é Rodolfo em cena. Sempre um monte de sentimentos de uma só vez. Um só corpo, uma só voz, mas a representação permanente dos antagonismos do mundo. Paixão e solidão no Mercúcio de *Romeu e Julieta*, por exemplo, ou em seu espetáculo mais recente, o anti-herói de *Antes do silêncio*. Numa arte que, cada vez mais, caminha para o estereótipo e a simplificação, o trabalho de Rodolfo nos lembra que o mundo é complexo, e é nesta complexidade que reside sua grandeza e sua dor. ■